

A ILLUSTRAÇÃO

REVISTA DE PORTUGAL E DO BRAZIL

DIRECTOR-PROPRIETÁRIO: MARIANO PINA

PARIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: 13, QUAI VOLTAIRE.

Dirigir todos os pedidos de assinaturas e números
vendidos: em Portugal ao sr. David Gorazzi, 42, rue
da Alvorada, Lisboa; e no Berlín, ao sr. José de
Mello, 38, rua da Quinta, Rio de Janeiro.

Preço do número é de 10 francs.

3.º ANO. — VOLUME III. — N.º 14.

PARIS 20 DE JULHO DE 1886

Gerente em Portugal e Brasil: DAVID GORAZZI.

RIO DE JANEIRO

JOSE DE MELLO, 38, RUA DA QUITANDA.

ASSIGNATURAS:

ANNO (CORR.)	12,000 KRIS.
REVISTAS (CORR.)	6,000 —
REVISTAS PROVINCIAIS	14,000 —
ATACADO	500 —



VILLEGIATURA. — A chegada ao velho solar.



CHRONICA

O CORPO DE DEUS

DISSERAM-ME os jornais de Lisboa que, por ordem superior, se tinha suprimido a procissão do *Corpus Christi*, permitindo-se apenas que elle desse uma volta em torno da Sé.

Os jornais dão ás vezes tanto notícia falsa, que apesar de ter lido esta, com os meus próprios olhos, em mais d'uma gazeta, não acreditei tal...

Espero informação mais segura. Alguém chegado da polícia de Lisboa confirmou-me o boato que correu pelos jornais.

Effectivamente, no dia 24 de junho, ninguém viu a procissão nas ruas da cidade, aquella procissão tão pitoresca, tão profundamente portuguesa; aquelles pretinhos de São Jorge, vestidos de encarnado, tocando pifanos, o que tanto divertia a multidão; nem aquele São Jorge que tinha o ar d'um cavaleiro de praça de touros; nem aquele homem de ferro, vestido de lata, desfilando-se em suor debaixo da scintillante armadura; nem aquele anjinho que parecia ter saído horas antes da confitearia do sr. Rosa Araújo; nem aquellas basilicas que dereavam o mais possante e o mais atarracado filho da Galiza e do chafariz do Carmo; nem aquelles cavallos d'estudo, cobertos de ricos xaixos bordados; nem aquelle Cabido da Sé, de ricos paramentos bordados a ouro; nem aquellas lardas dos srs. ministros; nem aquellas capas dos grãos-cruzes da ordem de Christo; nem aquelle pañio solenme e antigo, sob o qual caminhava gravemente, em passo marcial, Sua Majestade El-Rei, que o povo apontava com o dedo e a quem o monarca enviava de quando em quando um sorriso amigo... Nada disto se viu nas ruas de Lisboa! Apens um triste e pobre procissão, dando uma volta em torno da Sé, e entrando alguns minutos depois para dentro da igreja, temendo o olhar ardente do sol peninsular, como que apurada por um grito de heresia do público de Lisboa.

A capital deixou de possuir um dos seus espetáculos mais característicos. Amanhã a mesma «ordem superior» ha de prohibir a procissão da Saúde; depois a procissão do Senhor dos Passos da Graça; depois a procissão dos Rios; e por ultimo hão de ser proibidos os festos populares da véspera de Santo António e da véspera de São João.

Feita a limpeza em Lisboa, a «ordem superior» ha de passar a sua vassoura idiotu pelas províncias, ha de prohibir os cirios, as festas do Senhor da Serra, as festas da Nazaré, as festas da Rainha Santa e as festas do Bom Jesus.

E tudo isto se ha de fazerem nome d'uma falsa Civilização em nome d'uma falsa Progresso, sem que da imprensa — instituição que se fundou para defender o direito e a liberdade de todos — se erga uma voz, como agora se não ergueu, para protestar contra semelhante absurdo, contra semelhante idiotismo, contra semelhante asneira!

Eu não sei, nem mesmo procurado saber, quem prohibiu, nas ruas de Lisboa, a procissão do *Corpus Christi*. Seja quem for, praticou um acto idiotu. Seja quem for, tem nas suas mãos um poder ilimitado de que elle só se serve — para praticar disparates...

Os meus leitores sabem-o tão bem como eu — que não sou um beato, porque neste mesmo lugar o tenho afirmado mais d'uma vez, n'uma ou noutra questão religiosa que se tem levantado em volta d'este jornal.

Não tenho tempo para andar a bater no peito, palas igrejas. Nem mesmo que o tivesse o fato, porque o tempo hoje é pouco, as horas correm mais de pressa que ha cem annos — e um homem tem devers a cumprir sobre a terra, para os quais nom todos os minutos bastam, nem mesmo todos os minutos d'uma longa existência.

Ora a razão por que venho lavrar aqui o meu protesto contra semelhante acto, não é por baptismo, mas porque a ninguem, ministro ou rei, assiste o direito de retirar a um povo um espetáculo que elle ama — espetáculo religioso ou profano — quando em troco lhe não proporciona um ouiro mais bello, mais apazivel á vista, e que mais lhe diga ao espírito e ao coração...

Suprimiu-se a procissão do *Corpo de Deus*. Mas que se deu em troca d'esse espetáculo religioso, ao povo de Lisboa? Onde está o outro espetáculo? Onde está a outra distração para o seu espírito? Qual é? Festa popular, festa oficial, regatas, corridas, concursos, kermesse ou exposição?

Nada disto eu vejo anunciado nos jornais, nem na folha oficial. Só sei que as sessões do nosso município são cada vez mais insípidas; que o teatro de São Carlos é cada vez mais círo; e que para Janeiro se abre, com a mesma melancolia e a mesma rhetorica que nós todos conhecemos, a sessão parlamentar em São Bento.

Povo de Lisboa! Acabos de ser roubado!

Senhores ministros! Senhora auctoridade!

Os senhores entendem de Civilização e de Progresso, como um qualquer barbeiro d'aldia ou um qualquer veterinario de província pode entender e falar de pintura. Os senhores consideram Civilização e Reformas utiles — tirar ao paiz todo o carácter pianteceo, essencialmente portuguez, que elle possa ter, sem lhe dar em troca ideias utiles e coisas praticas.

Porque viram meia duzia d'ignorantes ou meia dezia de trocistas, rírem da procissão de São Jorge, suprimiram a procissão, sem repararem que ha milhares e milhares d'individuos que não tendo para o anno este espetáculo da vista, vão n'esse dia talvez encher as tabernas — para depois irem encher os calabórios da polícia!

O povo é como as crianças. Quando se lhes tirar alguma coisa, que é um defeito ou um perigo, é necessário que se lhes distraia a atenção para outra coisa util e instructiva. Se o não fazem, as crianças cretinismar-se e o povo perverte-se.

Se a procissão é uma velharia que se deve prohibir e abolir — proporcionar ao povo um outro espetáculo onde elle se divirta, e onde ao mesmo tempo elle se civilise. O que é inadmissivel, o que é profundamente estupido, é retirar-lhe uma diversão que em nada o perverte, para o deixar apenas a meret da mandioca e do vinho, onde elle se embrioute, onde elle se aniquila!

Escrevo estas linhas d'um paiz pequeno como o nosso, mas grande pela sua indústria e pela sua agricultura. Escrevo da Belgica, escrevo de Bruxellas.

Parce-me que Bruxellas, em civilização e em muitas outras coisas, é uma capital muito superior a Lisboa. Pois aqui, senhores ministros e senhora auctoridade portuguesa, nunca ninguem pensou em tirar arbitrariamente ao povo os seus divertimentos e os seus espetáculos tradicionais. É uma cidade elevada ao maior grau de civilização, sem em nada ter perdido do seu carácter nacional.

A Belgica foi o primeiro paiz da Europa que assentou um caminho de ferro; o primeiro paiz a introduzir todas as revoluções que no nosso seculo se tem operado por meio do vapor e por meio da electricidade. E ainda ha um anno o mundo inteiro viu do que a Belgica era capaz, na grande exposição internacional d'Anvers.

Pois apesar de todas estas reformas e de todas estas revoluções materiais, praticadas dentro d'um paiz que quer ser essencialmente moderno, a Belgica conserva intacta a tradição antiga, a tradição flamenca.

Percorrendo hoje as ruas de Bruxellas, eu vi affixados grandes cartazes, tendo no alto os escudos da municipalidade, anunciando ao povo que vai começar a tradicional kermesse.

Em todas as praças se erguem cordões, artisticamente ornados, onde as philarmonicas tocam as musicas populares, as musicas nacionaes da velha Flandres. O povo acompanha em círculo, cantando antigas canções. Os velhos sentados ás portas e pelos passeios, as burguezinhas pelas janelas, contemplam, felizes, os rapazes e as raparigas cantando e dançando ao ar livre, iluminados por grandes tocos de luz electrica. As cervejarias transbordam de gente. A cerveja corre a jarras, limpida, dourada, espumante. Andu pelo ar um grande rumor de festa, de verdadeiro festa popular. As filhas de Rubens riem deliciosamente, mostrando bellos rostos brancos e rosados, bellos cabellos mais frescos e mais loiros que os linhos maduros; — e ao contemplar estu scene sente-se ressuscitar a velha Flandres, este povo que Rubens e Teniers immortalizaram.

Em Bruxellas é a municipalidade, é o proprio governo que convidam o povo a divertir-se e a alegrar a cidade, não deixando esquecer as belas scenas populares do seculo XVII. E é esta mesma municipalidade e este mesmo governo, que ao terminar a kermesse provocam o povo ao trabalho, indicando-lhe qual é o caminho do dever e da riqueza.

Pois a kermesse tambem é uma velharia, como entre nós as procissões e as festas do Santo Antonio e do São João. Não é velharia, meus senhores, é uma tradição nacional. E é justamente por isso, porque é uma coisa velha, uma coisa antiga, uma pagina viva da historie popular, que, longe de a abolirem, as auctoridades são aqui as primeiras a auxiliar e a promover-a.

E assim como na Belgica se respeitam as kermesses, também em França, mesmo dentro de Paris, a municipalidade é primeira a respeitar e a promover as feiras, chegando-se mesmo este anno, ainda ha um mes, a fazer no jardim das Tulherias uma reconstituição das feiras populares do seculo XVII e do seculo XVIII.

Tenhamos mais um bocado de respeito pela tradição popular. Se o governo não quer sustentar as procissões, está no seu direito. Mas o que não pode — nem deve — é abolir-as.

E se elle quer, pelo seu lado, desvirar a atenção do povo n'outro sentido mais moderno, e mais util, e mais civilizador, que o governo faça o que faz a Belgica e a Holland — promover todos os annos concursos e exposições, fazer festas em honra da nossa actividade agrícola e industrial, de modo que o povo tenha o orgulho e a satisfação do que é e do que vale!

MARINO PINA.





AS NOSSAS GRAVURAS

VILLECIATURA.

TODOS os annos, por esta época, a *Illustração* procura sempre oferecer aos seus leitores gravuras que sejam essencialmente artísticas, nem por isso deixam de trazer estampas a actualidade do momento.

Agora o assumpto principal é a principal preocupação, são o campo e as praias.

Enquanto muitas famílias procuram na tranquilidade da vida na província uns bons dias de repouso, outros correm febrilmente para as praias, passando o tempo em regatas, em bailes, em partidas de pesca, em longos e alegres passeios, no longo das costas, rindo, comendo e cantando.

Qualquer destas duas vidas de verão, os nossos leitores vêem hoje habilmente interpretadas por dois artistas de imenso talento — um, reproduzindo uma chegada ao velho sol, outro pintando uma caçada às gaivotas, em pleno mar.

batiamos da nossa primeira página:

É um desenho d'um grande modernismo, pela elegância do traço, leveza e graça natural com que está tratado.

A scena não pode ser mais simples, e tão simples, que outrora muitos homens habiam podido ser perfeitamente banal. Mas é artista superior ao contemplar o seu quadro — a chegada da velha diligência defronte do anel solar — os primeiros abraços e os primeiros beijos que se trocam entre os que estão e os que chegam — o descer das malas — toda esta scena de ferias que tanto impressiona o nosso espírito — o artista superior ao contemplar-sa sene arcanos efeitos que nou encantam e nou maravilham, como no caso presente.

Quem ha ali, des tristes moradias d'uma cidadela, que por um dia de 30 graus à sombra, se olhar para a nossa página tão simples e tão fresca, não sorris logo, e não veja reviver no seu espírito recordações d'outros annos, quando também foi o feliz personagem que o nosso desenho reproduz, fugindo do calor da cidade para procurar nas sombras frescas dos campos o bem-estar que a capital lhe não oferece?...

Aquelas viagens são as felizes da terra, as criaturas d'essa que conhescem todos os encantos da bela vila-gravatura. E as outras, para aquello palacetes da província, para aquelle recanto d'essa província tão tranquilo e tão poético, acode-nos melancolicamente ao espírito a doce recordação de tempos idos, d'alegrias passadas, quando a nossa mocidade ria doidamente pelas estradas bordadas de Cintra, de Colares, de Bellas e do Bussaco,

A segunda gravura a que alludimos mais acima, é a reprodução d'um esplêndido quadro que Paris inteiro admirou no *Salon* de 1885. Intitula-se — A capa das valentas.

É uma tela impregnada d'uma phantasia encantadora. Por um bello dia, doce e limpo, sobre um marcial, por onde deslisa um barco, sem a menor balança, duas senhoras, duas elegantes, duas mundanas acomodadas por um velho lobo marinho remando lentamente, atiram às gaivotas que passam ao alcance das suas caçadeiras.

As longe, nas brumas, d'um horizonte tranquillo as velas brancas das embarcações destacam-se sobre o céu, enquanto que um voo d'aves traça no ar um rápido suíco.

A felic execução d'essa scena tão simples e sem prestações, faz honra ao sr. Alfredo Guillou, um moço artista parisino de grande futuro. O seu quadro foi muito apreciado em Paris em 1885, pelas amadoras de colas modernas e mundanas. Creímos qu'era esta página graciosíssima também ha de agradar aos nossos leitores, todos elleis tão familiarizados com signos de praias, como esta que hoje reproduzemos.

Apesar da costa de Portugal não permitir grandes passos no mar alto, as caçadas às gaivotas são muito frequentes em Peniche, no Nazareth e na Figueira. Mas ha principalmente um sítio agradabilissimo para este gênero de sport. Alludimos é batia da São Martinho da Porta, entre Alcobaça e as Caldas da Rainha, uma doas sitos mais admiráveis que os desse conhescemos para caçadas no mar, e primeiramente para regatas.

A nossa gravura reproduz uma scena muito usual do mundanismo parisiense nas praias da França. As caçadas às gaivotas são muito apreciadas não só pelos homens, mas principalmente pelas senhoras — pelas moças graciosas atendentes que passam o inverno em Paris e vão cortas tardes atraer nos pomos para o clube proximo do hyppodromo de Longchamps. Quando

FRANÇA. — A EXPULSAO DOS PRÍNCIPES.

QASAMENTO de S. A. R. o Príncipe D. Carlos com S. A. R. a Princesa D. Antónia d'Orléans deu uma tal actualidade em Portugal nos Condes de Paris e a toda a sua família, que nós julgamos do nosso dever de jornal bem informado, por os nossos leitores no corrente de todos os factos que ha pouco se passaram em França e que fizemos rebentur uma guerra sem trégua entre a Casa d'Orléans e a Republica francesa.

He muito que a Republica tinha desejos de mandar para o exílio os representantes da monarquia, os descendentes de Luiz XVI e de Luiz-Philippe — principalmente depois das famosas eleições do dia 4 d'outubro de 1885, em que saiu vitorioso o partido monárquico perante a Republica muitos deputados.

Faltava, porém, um pretexto, e este pretexto surgiu com a viagem de S. A. R. o sr. D. Carlos a Paris.

Todos os nossos leitores sabem o fim d'essa viagem — foi tratar relações com a illustré princesa que hoje é sua esposa, com a gentilissima filha dos Condes de Paris.

Quando o casamento foi tratado, as escripturas assinadas, vindas para este fim a Paris o sr. António de Sempre Pimentel, e quando a família d'Orléans estava em véspera de partida para Lisboa — o sr. Conde de Paris recebeu uma noite no seu palacio da rua de Varenne toda a alta sociedade parisiense, o mundo aristocrático, diplomático, científico, literário e artístico, todos unidos que em Paris tecem um nome.

Nessa recepção os Condes de Paris e a Princesa Amélia receberam as felicitações de todos os seus amigos. E na saída da recepção viam-se sobre uma mesa todos os presentes oferecidos a S. A. e que figuraram, desenhados pelo sr. Goutzwiller, na primeira página d'um dos ultimos números do 3.º anno da nossa *Ilustração*.

Como nessa recepção tivessem aparecido vários ministros plenipotenciários, acrecentados pelos respectivos governos junto de governos Republicas, e como os jornais monárquicos de Paris no dia imediato fizessem a descrição d'aqueila recepção no mesmo tom em que se falaria de monarcas sobre a trono — um deputado republicano apresentou na Camera uma proposta de lei para que os principes fossem expulsos do território francês.

Parceiros, excusado, fazendo-lhe a descrição de todos os debates que este projecto provocou, tanto na Camera dos deputados como no Senado, principalmente no Senado, onde se ouviram dois discursos notabilíssimos — um, do sr. Jules Simon contra a expulsão; outro, do sr. Freycinet, a favor da expulsão.

Fei o parágrafo radical, o partido quasi-socialista da camera, capitaneado pelo sr. Clemenceau, o unico orador de quem Gambetta tinha mérito — que levantou a questão dos principes para pôr em crise o actual ministro Freycinet.

De modo que os principes estavam sendo, por uma mera questão de opinião sacrificados por todos os grupos da Camera — a exceção dos conservadores.

E o projecto foi votado. E já se acham no exílio todos os representantes diretos das várias famílias que tem reino em França, e seus filhos. São os Condes de Paris e seu filho o duque d'Orléans, o príncipe Jerónimo Napoléon e Victor Napoléon.

Não damos baixo os retratos de cada um d'elles, porque a *Ilustração* em tempo se publicou.

No primeiro volume do primeiro anno demos os retratos dos príncipes Jerónimo e Victor Napoléon.

Ultimamente, a propósito do casamento real, demos os retratos dos ses. Condes de Paris e de seu filho o duque d'Orleans.

Limitamo-nos, portanto à descrição da partida dos Condes de Paris.

A nossa primorosa gravura representam a Partida do Castello d'Eu.

Teve lugar no dia 24 de junho, às duas horas da tarde. O princípio do dia foi empregado na grande recepção de despedida, tendo ido de Paris e das províncias a Eu mais de 10,000 passageiros despedirem-se dos ilustres chefes do partido monárquico.

As duas horas, finda a recepção, os Condes de Paris metem-se em ladeiras que se conduzem ao Treport, onde o vapor inglês Victoria, sendo delirantemente acclamado pela multidão, durante todo o caminho.

A chegada ao cais. E aqui que a manifestação dos monarcismos toma enormes proporções. Uma multidão enorme invadido o cais e as ruas proximas.

O Victoria está a dois passos, pronto para largar ferro. E um vapor da compagny de New-Haven, todo de ferro. Construído em 1878, é considerado como um dos barcos que melhor marcham no canal da Mancha.

Tem 67 metros de comprimento.

Quando os Condes de Paris chegam ao cais, para

ombrecer no Victoria, só se ouvem acclamações e vivas. A scena é realmente imponente.

No momento em que o Conde de Paris entra no Victoria, capítão manda içar o pavilhão francês. E só se ouvem então gritos de Viva a França! Viva o Rei! Viva o Conde de Paris!

Apanhada. Uma numerosa flotilha não só de barcos à vela, mas também de barcos a vapor, faz cortejo ao Victoria. Sobre a ponte do vapor o sr. Conde de Paris responde as acclamações que se ouvem de todos os lados — e ao ver tanto entusiasmo e tanta dedicação por uma família, sente-se que a casa d'Orléans ocupa um grande lugar no coração da França, e que este exílio não envolve d'uma aureola príncipes que não ainda levavam de ver entrar triunfalmente em Paris.

A ESTATUA DE LAMARTINE.

REALIZOU-SE no dia 7 de julho, em Paris, a inauguração d'uma estatua a Lamartine, no square Victor Hugo, square que ficou tendo, a parcer d'aquele dia, o nome do poeta Régis de Lamartine.

Não pensam por isso que a memória de Hugo e a sua glória ficaram abaladas. Não. A glória de Victor Hugo é grande, e não é uma praga de mais ou de menos que hoje influa à sua glória posteridade. Enquanto que Lamartine, poeta tão grande como Hugo, tem apenas uma posteridade escassa; por estes reversos de sorte e de destino, que se podiam explicar.

Mas é que Paris acaba de reparar em grande parte a divida em que a França estava para um seu ilustre poeta — ergindo-lhe uma estatua no proprio coração de Paris, n'um dos sitios mais belos e mais pitorescos, em Passy, verdadeiro recanto d'artistas.

Nós sabemos que o autor das *Meditações*, do *Jocelyn*, de *Raphael*, e de *Gratidão*, e de tantas outras obras maravilhosas de sentimento e d'estilo, tem muitos e entusiasticos admiradores não só em Portugal, como também no Brasil.

E por esse facto que a *Ilustração* disponha hoje uma página só poesa, publicando uma gravura em que é facilmente reproduzida a estatua que ha pouco se inaugurou obra do escultor francês Vassaret.



SUPPLICA

Já visite a florinha que nos beijos da tua Romeo de cor?

Assim a minha alma de facto resida,
Ao vêr os teus olhos de fogo, querida,
Revive d'amor.

Eu senti a existência tremor enlaçada

Num riso dos teus:
Se tu me deixasses... de certo morria,
Meu lirio das valles, meu astro do dia,

Meu anjo dos céus!

Nas tuas madeiras existe o perfume

Das castas bonitas,
E, quando esses lábios se entreabrem de leve,
Eu vejo os teus dentes mais brancos que a neve,

Quais perolas finas...

Ei então a minh'alma vacila encantada

Num riso dos teus:
Se tu me deixasses... de certo morria,
Meu lirio das valles, meu astro do dia,

Meu anjo dos céus!

Tu és tão formosa... De boa, de sante,

De meiga que és;

Ei dave o meu sangue para mim só instante

Viver ao teu lado, depois, delirante,

Morrer nos teus pés...

Oh! não, não me deixes que eu sintas-me preciso

Num riso dos teus:

Se tu me deixasses... de certo morria,

Meu lirio das valles, meu astro do dia,

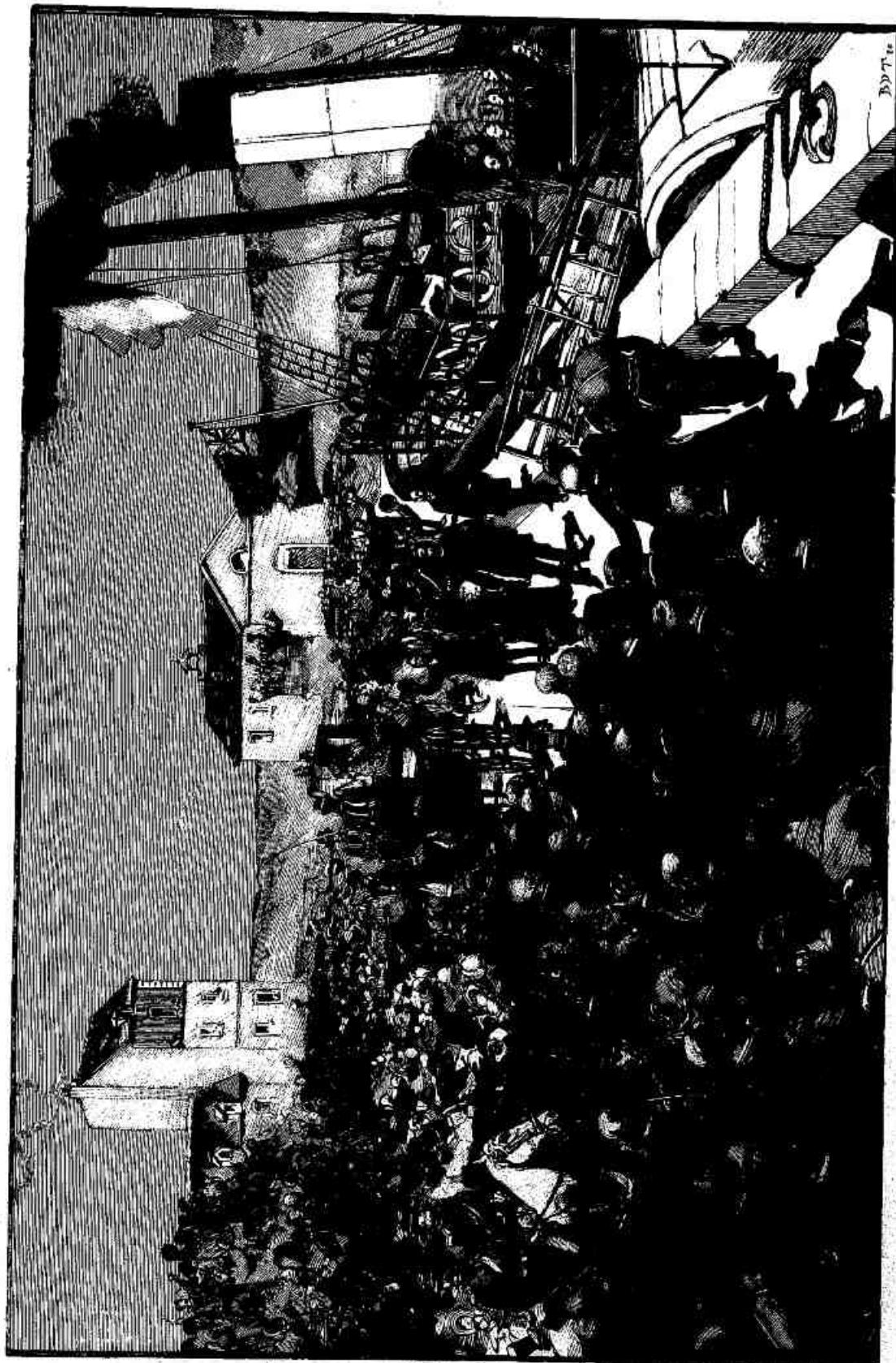
Meu anjo dos céus...

Lisboa, 1885.

EVA DE ALMEIDA.



FRANÇA. — A EXPULSAO DOS PRÍNCIPES. — O sono de Paris deixando o Castello d'Eu.



FRANÇA.— A EXPULSÃO DOS PRÍNCIPEZ.— O Conde de Paris e sua família chegando aos cais de Tropet para embarcar no transporte inglês « Victoria »



NOTAS E IMPRESSÕES

HOJE, são os estrangeiros que estudam e estimam a nossa antiga literatura: nós não. A crescente e hoje quasi total desnacionalização do espírito público é o facto mais considerável da nossa psychologia colectiva, nos últimos 50 anos. Os da actual geração, pode dizer-se que, pelo pensar, pelo sentir, deixaram já de ser portugueses. Ha por aí muito rapaz intelectual o, a seu modo, instruído, que conhece mais ou menos Molière, Racine, Voltaire e até Rabelais e Ronsard, e que nunca leu um auto de Gil Vicente, uma canção de Camões, uma elegia de Bernardim Ribeiro ou de Bernandes, uma carta de Ferreira ou de Sá de Miranda.

Os que conhecem um pouco intimamente a história das revoluções portuguesas n'este século (não falo só das políticas) e tem reflectido sobre ella, acharão facilmente a explicação d'este facto, e mais do que a explicação, a necessidade d'ella. Mas nem por isso deixa de ser causa triste de considerar este abysmo de esquecimento, que se abre cada vez mais largo entre o pallido, anémico e inexpressivo Portugal de hoje e aquélle seu grande ascendente, o heróico, pitoresco e inspirado século XVI. A falta de sentimento nacional poderia, até certo ponto (no que diz respeito ao estudo da nossa antiga literatura) ser suprida pelo sentimento histórico, pela curiosidade crítica e philologica, como dizem os alemães: mas a decadência dos estudos históricos tem vindo acompanhando *pari passu* a decadência do sentimento nacional, sem que um ponto de vista mais largo, puramente científico, viesse, como em França, por exemplo, substituir-o efficazmente, para compensar aquella falta, pelo menos na esfera da inteligência e do gosto.

ANTHÉO NO QUENTAL.

Os supplicios morais ultrapassam as dores físicas em todo a altura que existe entre a alma e o corpo.

BALZAC.

O peior dos descontentamentos, é o descontentamento de si proprio.

H. FOUILLE.

Uma bella citação é um diamante no dêdo do homem d'espírito, e um cultivo na mão d'um tólo.

Padre Joseph Roux.

É difícil catalogar com exactidão os artistas, de qualquer gênero, de uma época determinada, e pôr-lhos no seu lugar por numero de ordem. É este o segundo? E o terceiro? E o primeiro? E o quarto?

Há artistas, assim como haescritores de especial eleição, para os quais se deve considerar-se, unicamente, sem outras rastas, e sem querer saber-se de mais nada, que, para este ou para aquelle, nos leve a nossa propria inclinação, o nosso temperamento, as propensões do nosso espírito.

Não estamos vendo todos osdias, que, para a estimação que se dê às obras de teatro, tudo é, estes querem paixão, — aquelles maravilhas de estylo, — outros a extensão mais ampla, ou então a mais restrita e mais sobria, que se possa dar ao domínio pitoresco da lingua?

Para os actores, para as actrizes, o mesmo é: a variedade dos juizes faz a variedade dos julgamentos.

José Cesar Machado.

Os antigos editores portugueses nunca primaram por criticos: se aínti hoja é tão raro encontrar um que o seja! O editor portuguez era, antes de tudo, um devoto: elle sabia a estacada, não para apurar um texto, o texto preciso, com as suas lacunas, de-

feitos ou erros, se os tem, mas para levantar o seu posto acima de todos os outros, atribuindo-lhe o maior numero possivel de composições e com a forma mais perfeita possivel. Se encontrava um papel velho, no canto d'alguma bibliotheca, devia ser do seu poeta... publicava-o. Se os versos eram maus, é porque a copia estava errada: emondava-os. E assim que, de edição para edição, foi crescendo o numero de composições duvidosas, crescendo o numero de interpolações e emendas, com que o texto cada vez mais se ia deputando.

ANTHÉO NO QUENTAL.

O castigo dos escriptores licenciosos e immorais consiste em que nem toda a gente os lê, nem ninguém confessa tê-los lido.

Padre Joseph Roux.

A poesia, é a verdade endomingada.

IDÉA.

A democracia, é maneira que triunpha, perverte-se, parecendo preparar-se para exercer um despotismo sem nome, o despotismo anonymous da multidão, o achatumento universal.

ANTHÉO NO QUENTAL.

A maior parte dos homens são como o imanete: tem um lado que repelle e um outro que attrae.

VUITAIN.

Saber muitas linguas, é questão dum ou dois anos; ser eloquente na sua, custa meia existência.

IDÉA.



ASSUMPTO PARA UMA PEÇA

FALLAVA-SE entre homens, no *fumoir*, depois de terem jantado. O judeu Pereira, aquelle director de teatro tão conhecido pelos seus collarinhos posticos, marmoreos e as suas gravatas triunfantes, pouava no lado da chaminé, de pé, tendo na mão um copo de curação.

— «A anedota, exclamava, tudo está no anedota. Uma peça nunca é boa se o assumpto se não pode contar em cinco minutos... Quando um autor me vem falar d'uma comédia à hora do almoço, corto-lhe de repente a palavra e digo-lhe: — É capaz de me contar o enredo antes de eu ter tomado este ovo quente?... Se não pode, a sua peça de nada vale!...»

E o Pereira saboreou o seu copo de curação.

— «Não sou auctor dramático, diz Mauricio, o addido d'embaixada, do fundo da poltrona onde estava enterrado, porém, sou capaz de lhe contar uma anedota de que um auctor tiraria um grande partido. Sómente, o tempo de engolir um ovo quente, o que é deveres curto...»

— «Concedo-lhe uma omelette, respondou o judeu, riendo com o seu largo riso... Mas desconfio um pouco das ideias para peças, dos homens do mundo... Enfim, conte sempre.»

— «Pois bem! A historia correu todos os salões de Vienna, quando ali estive. Havia n'aquella cidade um medico muito afamado para doenças do coração. Chamava-se — mudo naturalmente os nomes, porque a historia é tragica — chamava-se o doutor Arnold. Tendo apenas quarenta annos d'idade, tinha já uma magnifica clientela. Era um bello homem, muito

elegante, com uma figura regular, grandes suaves louras, finalmente, o verdadeiro typo austriaco... mas dois olhos á americanos, azuis e frios como o aço, que davam que pensar.

«Uma familia russa residente em Vienna — chamemos-lhes os Skebeloff — mandou chamar o doutor para o consultar acerca d'uma menina, filha da casa, em quem o doutor reconheceu logo a primeira vista um principio de aneurisma. Devia causar uma grande impressão auscultar aquella menina... Imaginem! Aplicar o ouvido contra o peito d'uma linda trigueirinha de dezeno annos, bater-lhe sobre o coração, como quem diz: — Pode-se entrar?...»

— «Mauricio, interrompeu o dono da casa, deixemo-nos de gracijos de comédia... O senhor prometeu-nos um drama.»

— «Ha de tê-lo, sozinho... Pois que recebidos na tão sociedade, estes Skebeloff eram um pouco suspeitos. Viviam no hotel. O pac Skebeloff ostentava pelícias demais, no inverno. Viviam á grande, mas os brilhantes de manhã passavam por serem falsos... E além d'isso, duas filhas para casar, duas filhas bonitas de mais para serem utiles para alguma causa. Emfim, sociedade equivocada. Mas o doutor estava apaixonado, petrificado a sua dona — Miss Julia se chamava ella — em casamento, deixaram fazer-lhe a corte, casou no fim de trez meses, e a família Skebeloff, subitamente, enfastuada de Vienna, soltou o vôo para novas mezes redondas d'hotéis! A mulher do medico, *frau doctorin*, como se diz por lá, agradou imenso á sociedade vienense. Os recente-casados eram muito sympathicos; o doutor amava Julia como sua mulher e como sua dona; adorava-a e tratava-a. Este romantismo era o encanto das alemãs sentimentaes. M^{rs} Arnoldi, cujo nome aumentava a olhos vistos, já aparecia no mundo, e já valava algumas vezes...»

— «Apezar da sua doença de coração?»

— «Sim. Porque parecia tão restabelecida, que até seu marido, como bom medico que era, lhe permitiu uma valsa de tempos a tempos. Mas creio que lhe teria prohibido, como homem cíumento que também era. Porque o bello capitão Blazewitz — um Appolo em uniforme branco — estava sempre inscripto em primeiro lugar no *carnet de baile* de M^{rs} Arnoldi, e sperava-a ternamente contra a farda.»

— «Bom! exclamou Pereira. Está feito a exposição, meu caro Mauricio, estão apresentados os tipos... Encadeámos agora, como se diz em linguagem de bastidores, encadeámos!»

— «Está dicto!... Um dia, o doutor desco-briu um masso de cartas...»

— «Muito visto e muito usado, o masso de cartas!»

— «Pereira, o senhor é insuportável! Pode por a fiscal que mais lhe agrada; mas, na minha historia, o que há são cartas.»

— «Que dão ao marido a corteza da sua deshonra, não é verdade?»

— «Apparentemente.»

— «E que lhe fazem conceber um projecto de vingança!...»

— «Se conhece a historia, porque é que o senhor a não conta?»

— «Não, meu amigo, mas advirto-o. O que eu faço é advirto-o! Ora o marido vingou-se...»

— «Por um d'estes crimes que ficam sempre ignorados.»

— «Então como é que o sabe?»

— «Porque o medico falou... Sim, o proprio culpado, mais tarde, cedendo a esta irresistivel, a esta fatal necessidade de fazer confidencias que existe em todos os homens, e que faz de



BELLAS-ARTES. — A CAÇA DAS GAIVOTAS. — Quadro de Alfredo Grullon. — Gravura de Ch. Baude.

confissão dos católicos uma das instituições as mais... »

— « Vamos depressa à história, amigo Mauricio. »

— « Pois não direi nem mais uma palavra, resmungou o rapaz, meio vexado. »

— « Não se zangue, replicou o Pereira, quasi insolente. Pouparamos-lhe o trabalho de acabar as suas frases... É o verdadeiro estylo de teatro... Veja Scribe, veja Sardou... Tudo no dialogo tem reticências... Esfalso-me a repetir-o aos novos autores: sobretudo, nada de estylo! nada de literatura! Na peças que cahiram por causa d'um adjectivo... Ninguém sabe o mal que pode causar uma metaphora... Por exemplo, os românticos... »

— « Agora começa o Pereira! exclamou o dono da casa, olhando para o judeu com um ar de zombaria, através do seu monoculo. Pois quando acabar, avise!... »

— « Tem razão... Dizia-nos pois Mauricio, que o marido... »

— « ... Imaginava uma vingança terrível, mas só permitida a um homem da sua profissão. Julia não estava ainda completamente curada — e bem o sabia o especialista — d'esta doença do coração de que elle a tinha tratado durante dois anos, com tanto zélo e tanto amor.

« Decidio restituirlhe essa doença! Contendo a sua colera, limitou-se a guardar junto de sua mulher a attitudem d'um marido inquieto e desconfiado, fazendo nascer assim o receio e a angustia no espírito da adultera. Sabia, pelas cartas que tinha surprehendido, que paixão insensata se tinha apoderado dos dois amantes; tinha a certeza de que procurariam sempre ver-se, mesmo por entre perigos. Ora este Machiavel de doméstico tratou de se aproveitar d'uma tal situação.

« Desde essa época, um poder mysterioso pôz toda a casta de pequeninos obstáculos entre Julia e o sr. de Blazewitz, sem comodo os separar de todo. Fazia com que faltassem a todas as entrevistas combinadas, interrompia as correspondencias, perturbava e envenenava aquelles amores. E, n'esta vida cheia de comóções vivas e dolorosas, a saúde de M^{me} Arnold alterou-se de novo, profundamente.

« O doutor matava sua mulher com tanta certeza e precisão, como no tempo em que apenas pensava em curá-la. Ao momento do louco terror que dá à circulação uma actividade morbida, aquele homem habilissimo fazia succeder longos dias de tristeza, que congestionam o coração e, ali retêm o sangue. Depois, repentinamente, afectava não ter nenhum clímax, mostrando-se comovido até às lágrimas com os sofrimentos de sua mulher. — « Mas o que é que se está passando, minha pobre Julia? » dizia-lhe elle. O meu diagnóstico falha a cada momento. Pareces ter o ar d'uma criatura que morre de desgostos. Não serás feliz na minha companhia?... » — E, ao mesmo tempo que observava com uma diabolica voluptuosidade os progressos do mal, crucificava a sua vítima com desesperos hypocritas.

« Passados seis meses, as syncopes eram mais frequentes, as palpitacões mais rápidas. Tinham aparecido os mais inquietadores symptomas da aneurisma... Ah! ah! amigo Pereira, ainda bem que já me não interrompel! »

— « Ora essa... Estamos no segundo acto, no coração da peça. Mas o desfecho... o desfecho? »

— « Venha o desfecho! gritou Mauricio com o acento d'um criado de restaurante que pede à coruha um novo prato. Aqui está... »

« Uma tarde, o doutor entrou em casa como um trovão: « Sei tudo, minha senhora! O sr. de Blazewitz é seu amante! » — A pobre Julia tornou-se pallida, branca como uma toalha, e as

violetas da morte surgiram nos seus labios. — « Mate-me! disse. » — Era exactamente o que elle queria.

— « Jámai ergueres o meu braço contra uma mulher, respondeu Arnold. O vosso cumprimento foi quem pagou pelos dois. Acabo de me bater com o sr. de Blazewitz... Maté-o! » E Julia caiu inanimada sobre o tapete. Mas o doutor mantiu. Nem sequer tinha tocado no bigode do famoso capitão, que passava por ser o primeiro *tireur* de Vienna.

« Ajoelhou proximo de sua mulher estendida no chão, e pegou-lhe n'uma das mãos. O pulso ainda batia. Estava ainda com vida. Então o carasco prestou-lhe todos os socorros, e recanimou-a: — « A senhora vee pôr uma *toilette* de baile, todos os seus brilhantes, e acompanhar-me no baile da embaixada de França, para que fomos convidados. » — « É impossível... Não posso, não posso! » — « Vae-se vestir imediatamente, para partirmos! Para o meu duello com o sr. de Blazewitz servi-me, como pretexto, d'uma questão de jogo. Mas a senhora está comprometida. E preciso que a vejam ainda esta noite, pelo meu braço, na sociedade. Senão, não julgar que me batí por sua causa, e ficarei deshonrado... Vae-se vestir, ordeno-o!... » A desgracada senhora não podia desobedecer. Como resistir ao homem que elle tão cruelmente tinha ultrajado? Para fazer a sua *toilette*, que agoai! E seu marido arrastou-a para o baile da embaixada... »

« Quando ali chegou, esmagada, torturada, sem forças, não se sentou — deixou-se cair, mesmo no salão d'entrada, onde o criado, a cada instante, gritava o nome dos que chegavam. O doutor, em grande *toilette*, soberbo, com todas as suas comendas, estava de pé, por detrás da cadeira de sua esposa.

« De repente, depois de ter lançado um olhar para a ante-câmara, aproximou-se do ouvido de Julia, como quem vai balbuciar um galanteio. — « Pois a dor ainda te não matou, miserável? » — « Ainda não, infelizmente, murmurou a suppliciada. » — « Pois bem, olha, acrescentou mostrando-lhe a porta, e morre d'alegría!... »

« N'este momento, o criado anunciu com voz sonora: « O capitão barão de Blazewitz! » O bello oficial entrou, com o sorriso nos labios, antes de tudo, como fazia sempre, procurou a sua paixão com o olhar. Quasi que a não reconheceu. Acabava de se erger da cadeira, hirta, direita, como se fôr movida por uma molla, lívida, medonha! Lançou-lhe um olhar hallucinado, levou a mão à garganta, e caiu em peço no meio do chão, morta, bem morta d'esta vez... »

« Isto causou um imenso escândalo. O doutor lançou-se sobre o corpo de sua mulher lançando gritos e gemidos, e o desespero do sr. de Blazewitz teria causado grande sensação, se um amigo o não tivesse arrastado consigo! Todos os convidados fugiram. Os criados comeram tranquilamente a cela. E a embaixatriz ficou tristíssima e deveras zangada, porque tinha mandado fazer de propósito para o *cotillon* cabeças grotescas que haviam de produzir o mais extravagante efeito. »

Mauricio calou-se. Houve um momento de silêncio. Chegou quasi a haver calafrios, e o proprio Pereira teve a habilidade de não dizer nenhum disparate.

Mas a dona de casa apareceu, assistindo o reposteiro de tapeçaria do *fumoir*.

— « Então, meus senhores, ainda não chegaram ao fim os seus charutos? As senhoras reclamam-os... »

Quando se passava para o salão, Pereira deu o braço a Mauricio.

— « E o doutor, que foi feito d'elle? »

— « Como lhe disse, quasi se orgulhou, n'um dia de imprudencia, do seu crime, que

escapa de resto a qualquer castigo. Mas o viver em Vienna tornou-se impossível. Hoje mora em Varsòvia, onde tem uma grande clientela, e onde continua a repetir aos doentes da sua especialidade: — « O essencial é não terem com moções, nada de comóções!... » — Mas que diz o senhor d'este meu assumpto para uma peça? »

— « Impossível, meu caro. Todos os criticos diriam que era imitado da *Julie* de Octave Feuillet! »

FRANÇOIS COPPER,

CARIDADE

(Oferencemos aos nossos leitores um magnifico capitulo do bello livro que a illustre escriptora atra. D. Maria Amalia Vaz de Carvalho acaba de publicar, intitulado — *Cartas a Luisa*. A ILLUSTRAÇÃO cumpre um grato dever tornando conhecido dos seus leitores este trecho d'um volume que é digno de figurar em todas as bibliotecas que se prezam de possuir volumes sérios bem meditados e bem escriptos.)

E U não conheço nada mais digno de sympathy e de admiração do que o espectáculo de solidariedade e de amor patriótico com que o Brasil responde a qualquer appello que lhe façam os seus irmãos de aquem Atlântico.

Nunca a voz da pátria deixou de ser ouvida e deixou de ser acatada pelos que lá moirejam na faixa quotidiana; nunca a um lamento de Portugal deixaram de responder com generosidade entusiasmica os filhos da nossa pátria, que foram buscar longe d'ella o pão que lhes faltava aqui, e aquelles que, nascidos lá, só tém a captivar-lhes a sympathy, a tradição de um nome, a imagem vaga de um paiz não visto.

Ou se tratou de aliviar uma miseria ou de comemorar uma gloria, ou se tratou de prestar homenagem a um vulto histórico ou de criar uma instituição útil, nós todos sabemos que podemos contar com o Brasil, que o Brasil nos estenderá a sua mão valedora, a sua mão fraterna, e que a coadjuvação dos nossos irmãos, que estão longe, será das mais proficias e das mais preciosas.

É que, no fim de contas, o amor da pátria não é como muitos querem dizer, uma convenção ou um raciocínio.

Não; o amor da pátria é um instinto irreductível, é um sentimento poderoso que nós temos desde o berço, mas que só em certas condições especiais se manifesta completamente.

A imagem dóce, querida, envolta em um véu de misteriosa saudade, da mãe, que foi cedo roubada ao amor dos seus filhos, fica sendo para elles a companheira puríssima e inseparável da existência inteira.

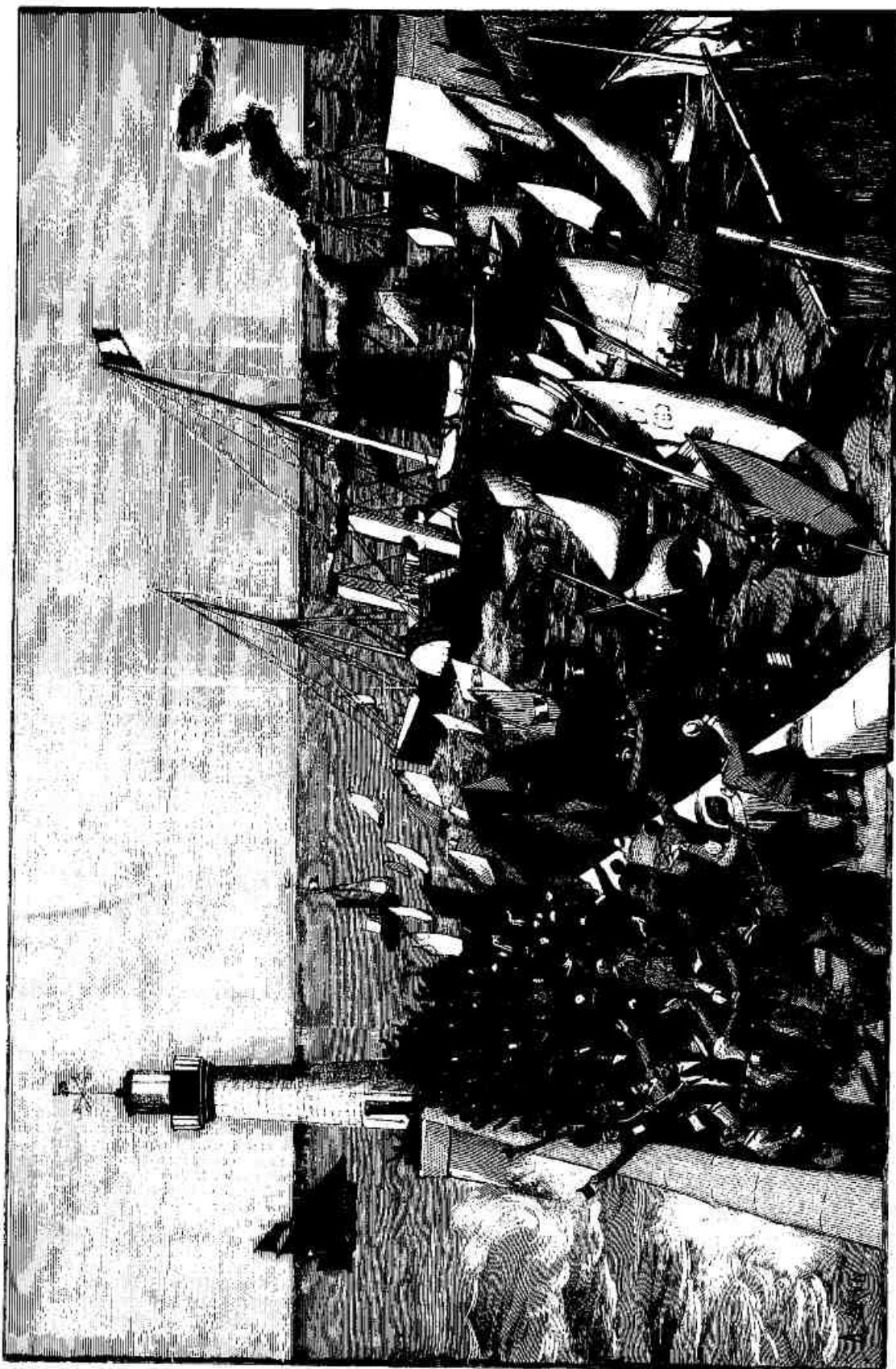
Os filhos não sabem sequer que ella tenha um defeito.

Julgam-a perfeita como a divindade; afiguram-lhe que nemhuma das impurezas da terra, inherentes à nossa mesquinha natureza, a maculou. Ela não conheceu o que eram paixões, nem o que eram culpas!... Foi sempre e ficará para sempre na memória respeitosamente enternecida dos que a perderam, a suave, a impecável, a inmaculada figura angelica.

Isto que sucede aos filhos que prematuramente ficaram orfãos de mãe, sucede também ao exilados, que nos dias alegres e optimistas da mocidade ficaram sem patria.

A terra onde nasceram avulta sob o mais delicioso e encantador dos aspectos ante os olhos da sua saudade. Não ha clima mais dóce, não ha céo mais puro, não ha arvore, mais copada, nem cuja sombra seja convidativa de mais consolados ociosos, não ha noites mais povoadas de estrelas, não ha luz de huir mais pejada e cariçosas.

Os homens que se conhecem e deixaram, eram todos bons. Poderá quem não é bom julgado por um coração de vinte annos!...



FRANÇA. — A EXPULSAO DOS PRÍNCIPES. — A multidão acudindo a Família d'Orléans, no momento em que o « Victoria » levantou ferro.



PARIS. — A ESTATUA DE LAMARTINE. — 1886.

As mulheres eram todas lindas! Que mulher não é linda sob o mágico poder criador do olhar adorável!...

A pátria, vista assim de longe, à luz azul de uma saudade recolhida e casta, torna-se a paixão mais íntima do exilado.

Tom deitou para os que li ficaram vendo-lhe dia a dia a inércia, a decadência, a indiferença que esterilizam, o egoísmo que aniquila todas as forças? Embora!

Quem quem partiu não tem senão encantos.

É d'este modo que pode explicar-se o amor que os filhos de Portugal, que vivem no Brasil, conservam e manifestam pelo seu território patrio.

As duas formas mais sensíveis e mais formosas desse amor são a admiração por tudo que é glória nossa, e a caridade por todas as misérias que d'aquei imploram o socorro dos nossos irmãos de alemar.

A caridade está sendo realmente, entre as paixões boas aquella que predomina no nosso tempo. Temos muitos amores culposos, mas o amor dos pobres, entre os sentimentos que florescem na alma moderna, é o sentimento mais acriolado e mais puro. Gosta-se muito do olho pelos gestos violentos que elle dá, mas também pelo gosto do parihilar com os desgraçados. Seja-nos absolvido de erros temíveis esta suave virtude chamada caridade, que estabelece uma transição radiosa entre a indiferença antiga pelos males individuais, e a futura justiça que dará a cada qual um pedágio de pão a mesa commun dos que trabalham.

A respeito de beneficência pública tem-se escrito centenas e centenas de volumes.

Ho quem diga que ella, em vez de atenuar a miséria, a agrava e perpetua; ha quem diga que ella é um estimulante para a pregação do proletariado; ha quem diga que elle afrouxa o amor do família pela criação de asilos, e o amor do trabalho pela imprevidência com que se substitui, aquela, a quem compete crear novos elementos de produção, para satisfazer as necessidades que todos os dias mais crescem e avultam em torno de nós.

E verdade que a cada asilo que se cria e se preenche corresponde logo o aparecimento de uma multidão de candidatos à proteção d'esse abrigo da miséria; que a cada hospital que se abre acodem milhares de enfermos, que lá não podem ter socorro pela desproporção que existe entre as condições do estabelecimento e o numero dos que imprimorão admissão.

E no entanto quem ousaria afirmar que a miséria, a doença, a prostituição, todas as leprás, que contaminam e ensanguentam ainda o corpo das modernas sociedades não seriam muito mais funestes, não se haveriam desenvolvido em muito mais alto grau, se esses asilos, esses hospícios, essas instituições de caridade pública ou de caridade particular não tivessem existido?

A beneficência pública, organizada como está, tem gravíssimos defeitos orgânicos, tem peccados originais cujo resultado é porventura funesto àqueles a quem soccorre...

De acordo.

Mas qual é a instituição perfeita? mas qual é o problema social, que ainda foi resolvido de um modo absoluto?

Em torno de nós ha muitos palliativos, mas ha poucos remedios.

A constituição da família, contaminada desde sempre pelo crime de desigualdade: injustiça entre o homem e a mulher, fazendo d'esta, na lei, a eterna pupilla e a eterna pará, embora nos costumes lhe d'uma falsa apariência de uma vitória frívola, é porventura uma instituição perfeita?

O código fundamental, pelo qual se rege cada uma das sociedades de que temos conhecimento, é um código impecável, pago de toda a injustiça? Bem sabem que não.

Por ora a caridade, considerada como que a precursora da justiça, é o mais doce ideal que os nossos olhos procuram!

Dos amplos céos, despovoados e silenciosos, tudo que o nosso coração amou, tudo que o nosso espírito, avido de misterio e de luz, creou de inefavelmente doce e de infinitamente grande, caiu em sinistra, medonha e tragica derrocada ao sopro gelado da moderna, da implacável sciencia humana.

O sonho da liberdade, esse sonho que fez martyres e que fez apóstolos, que fez heróes e que fez alucinados, teve já a realização mais completa a que porventura lhe será dado atingir.

No entanto, ficou de pé a eterna questão que ninguém resolve. A miséria ergue ainda no espaço ilimitado o seu vulto androjino e sombrio.

A religião disseu aos pobres, aos fármacos, aos

esfarrapados, nos que tinham fome e sede da justiça e do amor: « Depois d'esta vida virá a outra, e lá, vós que sois os últimos, seréis os primeiros, vós que sois os miseráveis e os desprezados, seréis os opulentos e os queridos. »

E deante d'esta promessa, que com si continha um mundo de consolações beneditas, os pobres caminharam séculos e séculos avançando ao peso da sua cruz tremenda.

Nas alucinações do sono sonhavam as delícias do nectar paraístico; nos humilhantes aguas do abandono e do desprazer sonhavam com a purpura dos triunfos imortais; no desamor, na isolação, na mesquinha obscuridão de um viver feito de angustias, sonhavam com o seio doce da Maria, que havia de abrigar os, com o sorriso meigo do Salvador, que morreram só para os rellimir da eterna morte.

E um dia um sopro gelado de desdita passou pela face da terra entristecida.

E os miseráveis ululantes e desesperados bradaram a um tempo: « E se porventura nós não somos mais que os iludidos de uma falsa lenda, que as victimas passivas de uma mentira monstruosa?! Quem nos afirmou que é verdade tanto que ha seculos nos repetem e que ainda ninguém nos mostrou? »

E à lúc sinistro d'essa hora de desesperada amargura ellos evocaram a longa, a interminável, a sombria legião de martyrs que haviam morrido sem soltarem uma queixa, fiados em uma promessa, que talvez não tivesse realização.

O que seria essa revolta supremo, que o século XVI soprhou no mundo como o inverno sopra as tempestades, se no sonho de beatitude imortal não sucedesse logo a chama radiante, chamada liberdade!

Tres séculos levou a conquistar a esquiva deusa, que hoje se deixa possuir pelo mais humilde.

A liberdade deixou de ser uma aspiração theórica para se tornar uma realização tangível, e o homem, sofreu sempre do melhor, depois de ter vencido e aniquilado a escravidão, protetor venceu e aniquilou a miséria!

E decisivo e critico este momento da vida humana, tanto mais critico e tanto mais decisivo quanto é inegável que, na sua longa luta, a humanidade adquiriu forças mentais que não tinha, processos práticos que não possuia, idéas, que a pouco e pouco foi entesorrando e que hoje lhe comunicam um poder colossal. Ela já não é a visionaria a quem contentava o misterioso e o vago, nem a entusiasta que se deixou ir atraídos falsos e aparentes triunfos.

A miséria!... Ela o inimigo.

Por que tanta angústia? Por que tantas privações? Que lei medonha é esta que a uns todos os prazeres e que a outros todos os supplicios? Para que o luxo desenfreado d'aqueles corresponde a imundia, a asquerosa polícia d'estes?

Pois não haverá meio algum de descobrir uma nova fórmula que equilibre estes dois estados antinaturais?

A interrogatória denunciadora de práticas subterrâneas, que refundiu completamente o presente estado social, responde a cidadão, tirando as sobras de um o oublie que attenua a privação incomparável de outro!

Sendo a fórmula mais visível do altruismo humano, ella é no fundo um sentimento egoístico em que entre muita compaixão instintiva, mas de envolta com o vago terror das catastrofes primitivas e avinhentadas ao longe...

Justo é, pois, que nós, os que vivemos n'este momento transitório, concorramos quanto em nós caiba, mesmo à custa do permanente sacrifício das nossas ambições e das nossas cobrigas, para que a transição d'uns deuses a inevitável explosão de revolução do maior numero.

A caridade é uma valvula de segurança, é um dique oposto à insurreição, à invasão selvática e tremenda d'essas hostes de barbares famintos, que do fundo das defumadas fábricas, que do antrô das oficinas escusas, que das entranhas palpitanas e sinistras da mina asphyxiadora, que dos campos aridos e desolados cuja negra terra estéril já não paga o suor humano, espreitam o rico com um olhar que tem o seu gê de satanicamente ameaçador!

Maria Amália Vaz de Corvalho.

VISÕES DA NOITE

(A Amburgo de Quemini)

Quando o sonho me invade, e eu, de casado, No Sonho afundo as atividades, Vou sentar-me, piedoso, a meu lado. Umas doces, santíssimas visões:

Meu Pai e minha Mãe, grupo sagrado, Minhas pobres Irmãs, abus claras... Choram todas, e em sinto-me banhado De prata e fezes consolações.

Estão-nos catálo, E, accordando, Eu sinto a alma mergulhar sonhando No cor dos seus últimos gemidos!

15 - 6 - 81.

JORDIM DE AKAUJO.



MEMENTO

NUNCA a Immigração foi mais favorável para o Brasil do que em dezembro de 1885. Nesse mês chegaram ao Rio: 1.887 imigrantes, 674 portugueses, 414 alemães, 147 espanhóis, 81 austríacos, 28 franceses, etc. 122 desembarcaram em Santos. 324 emigrantes voltaram imediatamente para as nações d'onde haviam saído, em restantes 3.775 capelaram-se pelas diversas províncias do Império.

Os cugumelos (champignon) que não são venenosos, e que portanto são aproveitáveis nas casas de pasto, ainda mesmo assim não são totalmente inofensivos.

M. Mowé descobriu em muitos desses cugumelos alterados vários produtos alcaloides análogos aos que nascem nos cadáveres em decomposição.

As suas propriedades são quasi eguais e dissolvem-se em ether ou álcool. Podem ocasionar vários incidentes no indivíduo, alguns bastante graves, e outros até mortais.

E para muito necessário escolher com cuidado os cugumelos, mesmo aquelles que são bons para comer e regular desse em que apresentam o menor estudo d'alteração.

Para conservar a vista é urgente evitar de fixar o olhar sobre os objectos que customam a distinguir em diafragma, quando a luz é insuficiente.

Tem se visto homens perder rapidamente a vista por fixar os olhos, durante algum tempo, no sol.

A falta de austeridade é um perigo para a vista, assim como a embriaguez continua.

O primeiro oumbro de ferro eléctrico que se construiu foi nos Estados Unidos, em Cleveland (Ohio) para transporte de viajantes e de mercadorias. Tinha a extensão d'uma milha.

Esse experimento fez grande ruído entre os engenheiros americanos e produziu um grande sucesso, para a comarca que se dedicou a introduzir a tração eléctrica em todo a rede de Cleveland que compreendeu uma extensão de 30 milhas (50 quilômetros).

A máquina dynamo-generadora está situada a 600 metros da estação principal; e a corrente eléctrica é conduzida desta máquina a um motor, colocado sobre o trem pelos condutores que vêm de tubos subterrâneos. Estes condutores dispostos entre os rails são constituídos por barras de ferro egeas às dos rails dos outros caminhos de ferro. Uns armazéns metálicos que tocam sobre essas barras, conduzem o corrente ao motor. Pô-

dever-se reunir quinze carroagens n'um só trem com uma única máquina eléctrica.

Lista constação de linhas eléctricas só custa 25.000 francos por milha; a experiência de Cleveland realizará uma grande economia na construção das linhas ferreas futuras.

Os leitos de penas, sob o ponto de vista higiênico, são um perigo para a saúde. Muitas pessoas não podem dormir sobre elas, sem experimentar uma agitação em todo o corpo.

A impossibilidade que há em os lavar é um dos seus maiores inconvenientes; tornando-os um recipiente de miasmas e aptos a impregnarem-se de doenças contagiosas.

Recomenda-se muito o sangue quente aos anemicos. Um copo cheio de sangue d'aves de caça ou aves domesticas, tomado todas as manhãs, é um excellente corroborante.

Será sempre bom juntar-lhe um dose, embora muito diminuta, de rhum ou de kirsch. As pessoas a quem a vista do sangue fazem má impressão, podem tomá-lo diluído em um caldo, ligeiramente temperado.

Quando o frio é intenso e principia o inverno, com todo os seus horrores e com todo o seu tedio, não só principia a falar senão em bailes.

A dança, quando é usada com moderação, é um dos melhores exercícios. Activa e facilita todas as funções digestivas e nutritivas, desenvolve a respiração, augumenta certas secreções, e determina a difusão de sangue para as extremidades. Faz repousar o cérebro, fatigado por uma longa applicação, equilibrando a saúde e o corpo.

Diz Bouchardat que a dança desenvolve a saúde e a graca. Um curso de dança seguido regularmente, dia a dia, pode transformar uma menina dóbil, tornando-lhe o talhe mais airoso e robustecendo-a.

Michel Lévy diz que a dança faz engrandecer o thorax. A circulação e a respiração precipitam-se, o calor augmenta, suor corre e toda a economia animal exprime-se num util e agradável exercicio.

No entanto há varios inconvenientes que convém remediar, e são: a transpiração muito abundante, a curva do peito, uma fadiga extrema, uma bronchite, uma pneumonía, paixões e febre.

Todas estes incidentes são devidos a varias causas: Quasi sempre se dança numa sala onde a atmosphera está muito elevada pelos caloriferos mal regulados ou pela iluminação muito forte. Uma tal atmosphera é perigosa para os pulmões e por consequencia para a saúde.

As senhoras costumam muito a apertarem-se em colletes com barbas de aço ou de báleia, muito fortes — e cis mais um inconveniente para a respiração.

Outras vezes apresentam-se muito decotadas, e aquí está um meio de apañar á vontade uma constipação, uma bronchite e uma pneumonía, por causa das correntes d'ar.

Dançar muito e durante muito tempo é outro inconveniente.

O calcado apertado faz com que se martyrisem os pés durante o baile e não permite senão dificilmente o equilíbrio.

As bebidas geladas fazem parar bruscamente a transpiração produzida pela dança, transpiração útil, filha do excesso de calor.

A indigestão produz-se quando dançamos logo após de haver comido. Deve esperar-se pelo menos duas horas.

Nunca se deve dançar quando estamos doentes dos pulmões. A atmosphera que se respira nos bailes é má para essas doenças, e a dança muito violenta pode occasional escarras de sangue.

Finalmente as pessoas que sofrem de qualquer doença cardíaca devem abster-se de tomar parte n'um baile.

Um theatro quasi celebre de Milão vai desaparecer em breve; é o theatro de Santa Radegonda, situado nas proximidades da Basílica. A celebridade veem-lhe do seu palco interior onde ainda se conservam os restos do convento de Santa Radegonda e onde as suas moradoras, as freiras, eram reputadas como artistas musicais de primeira ordem e d'um tal renome que chamava aquela a casa d'orçaria e arte a ambiada visita de varios soberanos e pessoas ilustres das cortes da Europa.

Hoje em vez do theatro vai construir-se um grande palacio para o Banco Nacional.

As famílias são sempre muito numerosas no Canadá. Assim uma família de treze filhos não se conta, por ser muito reduzida.

Diz o redactor do *Canadá*:

« O pae de quem escreve estas linhas era o 18º filho

da casa. Um dos meus tios teve dezenas filhos, uma das minhas tias teve também dezenas filhos, e outra dezoito; uma terceira ainda dezoito, e uma quarta uns vinte e dois! »

O intendente da Instrução Pública é o vigésimo sexto filho da família!

Ainda sobre o Canadá.

Mrs. Marianne Léveillé, nascida em Saint-Germain, acabou de falecer em S. Miguel do Yamaska, província de Québec, com a idade de 94 annos, depois de ter deserto o mundo com 519 viventes, entre filhos, netos, e bisnetos.

Não podemos crer que no universo inteiro, diz o *Canadá do Canadá*, se encontre caso d'equal fecundidade.

Eis a estatística dos volumes consultados no Rio de Janeiro nas bibliotecas públicas, durante o primeiro semestre de 1885:

Na Biblioteca Nacional: — 6.428 obras, das quais 3.733 eram em português, 2.568 em francês, 78 em latim, 6 em árabe, 26 em inglês, 5 em italiano, 5 em espanhol e 3 em alemão.

Na Biblioteca do Exercito: — 653 obras, das quais 503 em português, 183 em francês, 4 em inglês, 1 em espanhol e 1 em grego.

Na Biblioteca da Marinha: — 1.373 obras, sendo 733 em português, 540 em francês, 76 em inglês, 1 em alemão, 4 em italiano, 15 em espanhol, 3 em latim e 1 em guarani.

Na Biblioteca Municipal: — 3.876 obras, sendo 2.260 em português, 1.487 em francês, 67 em inglês, 5 em alemão, 3 em italiano, 33 em espanhol, 1 em grego, 14 em latim.

Na Biblioteca da Escola Politécnica: 1.767 obras, sendo 1.771 em português, 1.562 em francês, 24 em inglês.

No Gabinete de Leitura portuguêsa: — 13.355 obras, sendo 12.065 em português, 1.312 em francês, 7 em inglês, 3 em espanhol.

Somma total:

15.480 obras em português, 7.602 em francês, 158 em inglês, 5 em alemão, 177 em italiano, 159 em espanhol, grego e guarani.

Na República Argentina receberam-se durante o anno de 1885 o total de 108.683 emigrantes. Neste numero entra o elemento italiano 85 por 100.

A colonização da província brasileira do Rio Grande continua em grande escala.

Em dezembro chegaram àquela província 1.000 emigrantes que desembarcaram na colônia Santa Isabel, e esperavam-se ainda mais 2.000 para a colônia Conde d'Eu.

A sociedade d'immigração do Porto-Alegre comunicou à Sociedade central de Rio que se esperam ali 25 mil a 30 mil italianos.

A cifra parece exagerada.

A colônia Silveira Martins contam, segundo um relatorio do sr. Corte, consul italiano em Porto Alegre: — 5.253 italianos, 500 brasileiros, 152 austriacos do Tyrol Italiano e 57 russos.

A França possui 800 mil hectares d'água doce, sustentando em media 40 kilogrammos de peixes por hectar.

Esta produção pode-se bem quadruplicar, atendendo ao contínuo fornecimento d'água doce das nascentes e a proteção dada aos peixes pela lei que proíbe a pesca fóra do tempo próprio.

Para a consumação de peixes d'água doce é a França tributária da Holanda, da Suissa, da Hungria, da Inglaterra e da America.

Em 1884 a quantidade de peixe importado do estrangeiro elevou-se a 7 milhões de kilos, e a venda em Paris, regulando o kilo a 2 francos (50 reis) chegara a um total de 14 milhões.

As importações consistem especialmente em salmões e trutas. Procure-se actualmente povoar os rios franceses d'estes mesmos peixes, por meio da fecundação artificial.

A truta cresce rapidamente n'um meio agradável. Ao final de dois meses ella chega a pesar facilmente 30 grammas e atinge um comprimento de 15 centímetros. As trutas de 20 meses pesam ás vezes 300 a 400 grammas e atingem 30 a 34 centímetros.

Na escola de piscicultura de Lézardieu, na Bretanha, colocaram-se d'incubação em aparelhos do estabeleci-

mento 40 mil ovos de salmão. D'estes, 20 mil geraram e joraram povoar a ribeira d'ile, e uma outra pequena parte foram destinados para uma ribeira proxima.

O Manufacture des Produits chimiques descreve ultimamente uma nova composição química destinada a tornar incombustíveis o papel, a madeira e os tecidos.

Consiste numa infusão de madeira de azevinho e de cloro de sodium que se docanta depois do molo hora de fervura. Ajunta-se-lhe ainda uma certa quantidade de sulfato de gine, de chlorhydrato d'aminonitro e de alum. Aquece-se o fogo brando durante 4 horas, evitando-se a fervura, ajunta-se-lhe coto de peixe e agita-se-né que a mistura se jaca inteira.

Este líquido passa-se por uma penicula fina e estende-se com pincel, em camadas sucessivas e varavelas sobre os objectos que se querem tornar incombustíveis.

Dois camadas é o bastante para o papel e os tecidos. É bom impedir a vaporização por meio d'uma solução gelatinosa.

O Electricien descreve um novo processo de soldura em baixa temperatura.

Certas peças metálicas e mesmo o vidro e a porcelana não podem suportar uma temperatura elevada. Pode-se preparar uma liga leve mas que se agarre bem à superficie, da maneira seguinte.

Toma-se uma porção de cobre pulverulento obtido por meio de precipitação pelo zinco n'uma solução de sulfato de cobre, e mistura-se n'uma almofaria com ácido sulfúrico concentrado (D=1,83). Formam-se 20 a 35 partes de cobre, conforme a rigidez que se quer obter. Ajunta-se a esta mistura, agitando constantemente, 70 partes de mercurio. Quando se encha tudo bem misturado, lava-se com aguado quente esta amalgama, para levar todo o óxido, e deixa-se arrefecer-l-a.

As fitas de 10 a 12 horas está bastante consistente.

Pode-se empregar, aquecendo-a até lhe dar a consistência da cera, depois de a ter triturado n'uma almofaria.

Depois estende-se esta forma plástica sobre a superfície a soldar. Adhera melhor e completamente logo que arrefeça.

Eclarecimentos importantes sobre o serviço da distribuição de águas consumida em Paris:

Em 1785 para uma população de 600,000 habitantes havia uma alimentação diaria de 7.000 metros cúbicos d'água, isto é, 13 litros por habitante; em 1885 quando todos trabalhos estiveram terminados que digam respeito a canalização, haverá para 2.000.000 habitantes uma alimentação diaria de 650.000 metros cúbicos ou 300 litros por habitante. Em vez de 83 fontes, contar-se-ão 17 mil aparelhos ou fontes públicas ou particulares; em vez de 455 concessões gratuitas e pagas, haverão 50.000 assinantes de contadores.

As quantidades de águas que chegam diariamente a Paris são, em totalidade os seguintes:

	metros cúbicos
água de nascentes.....	130.000
água do canal de Ourcq.....	120.000
água do Sena.....	170.000
água do Marne.....	50.000
Total....	510.000

Isto é 220 litros por habitante. A águas das nascentes nunca falta e a sua quantidade é sempre superior ao gasto.

Estas cifras são comodo a media geral e em dias de calor significam o maximo do calculo.

Paris é de todas as cidades do mundo, aquella cuja distribuição de águas apresenta mais vasta exploração. Assim Londres recebe 700.000 metros cúbicos d'água para alimentar diariamente 4 milhões de habitantes. Este serviço é feito por oito companhias.

Em Paris, os 2.000 kilómetros de canalização permitem uma distribuição contínua d'água, em pressão, sempre disponível, nos circuitos fechados.

O serviço publico está nas mãos da camara municipal que regula de maneira mais cuidadosa todas as exigências e necessidades do consumo, segundo as estações, as sazonas e os dias e segundo os accidentes diversos.

Para isso foi necessário montar indicadores a distancia e registos dos níveis dos reservatórios, indicadores da pressão de águas (que existem em numero superior a 200 nas colunas dos candéolos d'iluminação) e todo um serviço telegraphic e telephonico completo.

Assinala-se uma particularidade muito interessante e muito curiosa na estatística da cidade de Paris.

Sabemos que em estado normal, há um excedente notável de nascimentos masculinos sobre os nascimentos femininos. ora há 23 semanas que se nota o contrario em Paris. Os nascimentos do sexo feminino são quasi

duas vezes superiores em numero aos do sexo masculino.

O mesmo facto se nota em varias provincias e para assim dizer na França toda, em que a cifra dos nascimentos do sexo feminino tende a aumentar.

Um novo meio para conservar a madeira.

Para proteger a madeira de todas as causas de destruição, retira-se-lhe primeiramente todo o ar dos seus poros e cobre-se toda com uma camada de solução de guita-percha, substância que preserva a madeira tanto da humidade como do ar.

Essa solução prepara-se, misturando duas partes de guita-percha a uma de parafuso; a mistura opera-se ao fogo, para se poder liquidificá-la guita-percha, e ela se pode introduzir rapidamente nos poros da madeira. Logo que arrefece, a solução aumenta a solidade das fibras.

Os progressos científicos trazem algumas vezes invenções para a saúde do homem. Certas aplicações da electricidade nos fornecem a prova.

Sei mesmo falar dos accidentes mortais e verdadeiramente fulminantes produzidos pelos contactos elétricos, ha ainda a observar muitos outros efeitos que se assignalam desde a Exposição de Electricidade de 1881, nas officinas públicas ou particulares de electricidade. Um campo magnético poderoso produz em certos temperamentos nervosos, um mal esta insuportável. Muitos empregados das officinas elétricas se queixam de vertigens e d'uma fadiga geral.

As transmissões telefónicas, não obstante a fraqueza das correntes, exercem as mesmas influências, tornando insuportável no ouvido de varias pessoas o receptor telefónico.

Meio em varias estações telefónicas onde se empregam multeras novas, d'um temperamento nervoso muito pronunciado, tem-se assignalado casos d'uma tal excitação de sensibilidade no uso contínuo do telephone,

que essas repulgas recebem e porcem dolorosamente as comunicações telefónicas pelas mãos, sem terem necessidade de levarem os receptores ao ouvido!

Parece estar completamente provado, com provas experimentais, o contagio das tuberculoses do homem nos animais. Tem-se visto que os animais domésticos, cães, gatos, aves de penas se podem contaminar da tuberculose, ingerindo certos produtos que veem de individuos tuberculosos.

O jornal *Chasse et Pêche*, de S. Petersburgo, cita um interessante caso, que é mais uma prova evidente do contagio.

« No anno passado, diz o citado jornal a Mr. A. J. Rousseau, mandei vir da Inglaterra 1.000 faisões. Como essas aves não estivessem habituadas a este clima, mandei construir uns hangares apropriados para os guardar.

« Um mês depois o individuo que eu tinha encarregado da limpeza e tratamento dos faisões principiou a queixar-se de que estava seriamente doente. Ao mesmo tempo as aves morriam, d'uma maneira tal, em tão grande numero que tive de verificar o estado da instalação e alimentação que lhes era feito. Estava tudo em ordem sobre o ponto de vista higiênico.

« No entanto o estado do individuo encarregado de tratar dos faisões era o d'uma tuberculose aguda.

« Um dia que lhe servia de guarda e companhia, um dia dalguns meses morria igualmente. Mando fazer uma autópsia a este animal e reconheço-lhe os pulmões tuberculosos. Faz-se a mesma autópsia aos faisões do hangar e vê-se que são mortos da mesma mortalidade do que o cão.

« Minha retira esse riscoso de tratamento dos faisões e a mortalidade d'essas aves cessa.

« Era evidente que o contagio mortal da tuberculose vinha do individuo doente que eu havia encarregado do tratamento das aves. »

Segundo uma conferencia do dr. Bertillon, na Exposição de Hygiene urbana, em Paris a população d'esta

cidade em 30 de maio ultimo era de 2,282,000 individuos.

A população de Paris tem aumentado nestes ultimos cinco annos.

Paris é a cidade do mundo, onde proporcionalmente ao numero dos seus habitantes, contém mais estrangeiros. Em Paris por cada 1.000 pessoas, 360 são provincianas e 75 estrangeiras. Em Berlim ha 13 estrangeiros para cada grupo de 100 pessoas. E em Trieste o mesmo.

A maior parte dos estrangeiros residentes em Paris são belgas, depois alemães, italianos, sulsos, ingleses, holandeses, espanhóis, russos, etc.

A media diaria da mortalidade é de 30 pessoas, sendo quasi tudo velhos ou crianças. A mortalidade dos adultos é pequena.

Os ultimos documentos oficiais do ministerio d'Agricultura demonstram o progresso do phylloxera na França.

Em 1884 contavam-se 172 arrondissements phylloxerados e 52 onde a cultura das vinhas estrangeiras ainda se podia fazer.

Em 1885 contavam-se 178 arrondissements, se todo, invadidos pelo phylloxera. O anno de 1886 não se tem mostrado mais favorável que o precedente. Desde 21 de marzo que o phylloxera invadiu arrondissement de Montlouis e agora o Sere e Savoie.

A quarta parte da viticultura francesa está perdida.

A estatística do phylloxera, no que diz respeito à Almomanha, ainda é mais terrível.

AS PESSOAS ENFRAQUECIDAS pelo paupério do sangue às quais os médicos aconselham o emprego do FERRO, suportaram sem fadiga as gotas concentradas do FERRO BRAVAIS, de preferência à qualquer outro preparado ferruginoso.

Encontra-se em todas as Pharmacias. Muito-sa a assignatura.

A JABORANDINA

Formada com o extracto de Jaborandi, planta brasileira cuja ação muito particular e verdadeiramente extraordinaria tem sido scientificamente demonstrada. Esse preparado fortifica, engrossa os cabelos e cessa em poucos dias que elles caem. 10 frascos 20 fr. Frasco 20 fr. 82, J. DUSSEAU, 1, r. J. J. Rousseau, Paris.

DIGESTOES ARTIFICIAES
VINHO
DI-DIGESTOES DE
CHASSAING
COM
PEPSINA E COM DIABATE
Apoles naturais e indispensaveis
DIGESTAO
20 MINUTOS DE SECÇÃOES
CONTRO DE
DIGESTOES DIFFICILES
DIA DE ESTOMAGO
MALES DO ESTOMAGO
DISPESSAS, GASTRITIS
PERDA DE APPETITE, DAS FORÇAS,
MAGREZA, CONSUMO
CONVALESCÊNCIAS LENTAS
VOMITOS, ETC.
Paris, 8, Avenue Victoria, 5, Paris
Vende-se nas lojas principais Pharmacias.

EXPOSITION UNIVERSAL 1878
Medaille d'Or
Croix de Chevalier
LES PLUS HAUTS RECOMPENSES
PERFUMARIA ESPECIAL
de
LACTEINA
E. COUDRAY
Presidida pelas Sociedades Notáveis de Paris
PARA TODAS AS NECESSIDADES DO TOUCADOR
PRODUCTOS ESPECIAIS
FLOR DE LACTEINA para brincar a pêlo.
SABÓ de LACTEINA para o banho.
CREME e PÓ de SABÓ de LACTEINA para o banho.
POWDER de LACTEINA para a limpeza dos cabelos.
ÁGUA de LACTEINA para o banho.
ÓLEO de LACTEINA para enxilhar os cotellos.
ESSÊNCIA de LACTEINA para leitos.
PÓ e ÁGUA SEIXAFÍCIOES de LACTEINA
CREME LACTEINA chamado salão de pêlo.
LACTEINA para brincar a pêlo.
ESTES ARTIGOS ACHAM-SE NA FABRICA
PARIS 13, rue d'Enghien, 13 PARIS
Depósitos em todas as Perfumarias
Pharmacias e Calçadeiros da América.

L'Imprimeur-Gérant: P. MOUILLOT.

OPPRESSOES ASTHMA NEVRALGIAS
TOSSE, CIRRHOSIS, CIRROSIS
PARA CIGARILLOS ESTRE
Aspirando e fumando, poustra no Peito, calma o sistema nervoso, facilita a respiração e favorece as funções dos órgãos respiratórios. (Engrá e assignatura: J. EPIK).
Venda por maior 150, rue Brin-Lançaro, Paris.
E nas principais Pharmacias de Paris: 2 fr. cedulas.

ALIMENTO PARA AS CRIANÇAS
Alimento das sementes e das pessoas jovens.
PARA fortificar as Crianças e as pessoas frágeis de peito, de estomago, se que sofrem de Clorose ou d'America, e melhor e o mais agradável alimento e MACABOUT dos ABARES, alimento nutritivo e concentrado de DELAGRINERES, de Paris. — Depósitos em todas as Pharmacias do Brasil.

XAROPE.
Pilulas. Rébillon
Com INGREDIENTE DUPLO de FERRO e QUIMICA
Eficaz contra as Cloroses, Flores brancas, Supressão e desordens da menstruação. Doenças do peito, Dores de estomago, Gastralgia, Rheumatismo, Encurvulas, Febres simples, Doenças nervosas.
Ha o unico remedio que se deve empregar com relento de qualquer outra substancia.
Ver o folheto que acompanha cada frasco
Venda por maior em PARIS: C. VIMARD & PETIT, 4, rue de l'Archeveche
Depósitos Rio-Janeiro e nas Províncias, em todas as Pharmacias e Drogarias.

MOLESTIAS do ESTOMAGO
DIGESTOES DIFFICILES
ALIAS — TOMITOS — PERRA d'APPETITE
CURA CERTA E RAPIDA COM O
ELIXIR GREZ
Ginjinha-Pepino
TOSSE-DIGESTIVO
Composta de Quinina, Cúrcu e Pepino
MEDALHA DOS HOSPITAIS
Elevado por todos MÉDICOS
PARIS, 34, rue la Bruyère, PARIS
EM TODAS AS PHARMACIAS

BELLEZA DO ROSTO
Paris
LAIT ANTÉPHLÉNIQUE
O LEITE ANTEPHLÉNICO
PARO O misturado com agua, dissipar
SARDAS, TES, CRESTADA
PINTAS-RUBRAS, BORBULHAS
ROSTO BARABULHENTO
E FARINACIO
RUGAS
&
CANDES & C. P. 22 Decauville

ULTIMA PRODUÇÃO
Perfumaria
IXORA
ED. PINAUD
PERFUMISTA
SABONETE..... à IXORA
ESSENCIA..... à IXORA
AGUA de Toncadoria IXORA
OLEO para... Cabellos à IXORA
PÓS de ARPOZ..... à IXORA
COSMÉTICO..... à IXORA
37, Boulevard de Strasbourg, 27
PARIS

MEDALHA & DIPLOMA de HONRA
LEÔN DE FIGADO DE BACALHAU
BRANCO FERRO
FERRUGINOUS
40 ALCOOL
O RIBO CHINHÉ
e desidratado pelo Alcool, das e inebriante,
e que serve agravante as convulsões de Gás.
O RIBO do FRIALO de BACALHAU FERRUGINOUS
é o mais sanguíneo dos sanguíneos medicinais e serve
para prender o fígado de Vaca, para Envenenamento.
Depósito geral em PARIS: Casa de Fábrica-Distribuidora, 21

PARIS, IMPRIMERIE P. MOUILLOT, 13, QUAI VOLTAIRE.